

repertório da

SOCIEDADE
PORTUGUESA
DE AUTORES



AS CADEIRAS CELESTES

Norberto Ávila



NORBERTO ÁVILA

AS CADEIRAS CELESTES

FESTA POPULAR EM 2 ACTOS



LISBOA — 1976

Personagens :

JORGE GRANDOLA

VALENTIM

VLADIMIRO

HELENA

COMENDADOR MONOPÓLIO CAPITALINO
DA SILVA

D. LATIFÚNDIA PRECIOSA DOS PECADOS
VENIAIS

JOB

ZELFA

O BURRO

1.º ANJO, depois DIABO (ou ABEL ZEBU)
e ainda FREI TOMÁS

2.º ANJO

3.º ANJO

DEUS

AZARIAS

NAFTALINA

ELISEU MALDONADO

PÉRFIDO

O BISPO D. TURÍBULO DOS SANTOS

O MINISTRO DO PROGRESSO

O BANQUEIRO JOSÉ DOLARIO

BALDAD

ELIFAZ

SOFAR

CORO

3 MÚSICOS (bombo, tambor e gaita de foles)

A acção decorre no norte de Portugal, poucos
meses depois da Revolução de Abril de 1974.

Deseja o autor da peça que o espectáculo, sempre que possível, se inicie mesmo fora do teatro ou outro local de representação: nas suas imediações e um pouco antes da hora marcada, com um desfile por ruas e praças. E assim:

Abrirá o cortejo um grupo de zés-pereiras, com seus instrumentos ruidosos e gritantes de alegria festiva: bombo, tambor e gaita de foles, à boa maneira do Norte de Portugal.

Seguir-se-ão gigantones e cabeçudos, com seus trajes coloridos. E, alçados em varapaus, letreiros diversos, concordantes com os temas principais da comédia.

De quando em quando o estralejar dos foguetes poderá confirmar que o momento é de regozijo.

Os músicos, sempre a tocar, e as outras figuras, estas em passos de dança, dirigem-se para o palco, onde evoluem por algum tempo, saudando o público. Todos passam, finalmente, para além da cortina.

Convém dizer, antes de mais, que a concepção decorativa do espaço cénico, tal como a seguir se

descreve, não pretende ser limite à imaginação criadora e ao gosto de quem venha a erguer a peça sobre o palco. Essa descrição, apresenta-a o autor apenas como documento da sua própria visão do futuro espectáculo, visão que sempre presidiu à elaboração do texto.

E porque sempre é vantajoso, e até indispensável, que os encenadores e decoradores se documentem sobre as obras que vão servir (ou de que vão servir-se) parece aceitável que o autor seja o primeiro contribuinte e colaborador.

No caso presente, isto é o que parece fundamental: que à teatralidade do assunto corresponda a teatralidade do estilo de representação e a teatralidade dos meios técnicos específicos, com a recusa de projecções e música gravada, por exemplo.

Se a representação se der num teatro tradicional, poderá haver sobre a cena um tablado, relativamente baixo, em forma de trapézio, com o lado maior próximo do proscénio. Paralelo a este, e a meio do tablado, um falso quadro cénico, formado por três traves. Neste quadro cénico, uma cortina à grega, de duas peças, que designaremos por cortina maior. Poderá ter escrita, em caracteres antigos, a legenda da velha comédia: RIDENDO CASTIGAT MORES.

Entre o proscénio e o falso quadro cénico, ao lado esquerdo do tablado, uma bancada de madeira com umas três ou quatro filas, que depois se verifica ter continuidade, embora interrompida, para além da referida cortina maior.

No lado direito da cena só haverá bancada para além da cortina maior. Aquém dela, um pequeno estrado rectangular, com espaço suficiente para dois cadeirões, que a seu tempo serão colocados.

Nas bancadas laterais, um público popular. E, entre ele, os músicos (zés-pereiras) e os elementos que constituem o coro.

O acesso ao tablado far-se-á lateralmente, nos intervalos em que corre a cortina maior, e por uma rampa que vem do fundo da cena. No plano em que esta rampa se junta ao tablado, outro falso quadro cénico, bastante mais pequeno que o primeiro. Este, apetrechado com uma série de cortinas de uma só peça, cujos desenhos, preferivelmente a uma só cor (sépia ou preto), lembram as gravuras populares da Renascença. Estas cortinas menores são as que indicam os diversos lugares da acção.

Tanto as cortinas menores como a maior são manobradas pelos próprios actores, à vista do público.

Ao fundo, na sombra, adivinham-se as formas setecentistas de um rico solar. E, à frente dele, silhuetas de árvores esguias.

As tradicionais pancadas de Molière (que o poeta dramático nos perdoe) poderão ser descarregadas no bombo.

Então, entreabrindo a cortina maior, surge uma grande cabeça de Salazar, carnavalesca, como todas as figuras do cortejo. E logo um braço direito avança, numa saudação fascista. Dentro e fora, é possível que o público se manifeste, com vaias e assobios mais ou menos prolongados.

O cabeçudo dirige-se lentamente para o proscénio e estaca, frente aos espectadores. Depois, tirada decididamente a enorme cabeça, coloca-a no chão. Descobrimos um jovem, de boa aparência, de uns 25 anos, que, sorridente e com um gesto de amizade, cumprimenta o público.

JORGE GRÂNDOLA — Caros espectadores, caros amigos: muito boa noite. E, desde já, um sincero obrigado pela vossa presença. Bem-vindos a esta nossa festa, bem popular, bem portuguesa, neste belo jardim do Senhor Comendador Monopólio Capitalino da Silva. Melhor dizendo: neste jardim que foi do Senhor Comendador, tendo como fundo uma das suas magnificas habitações, o Solar de Nossa Senhora da Boa Vida.

(Põe um bigode postiço, abundante e retorcido)

Por aqui. Façam o obséquio. *(Simula dar passagem aos visitantes de um museu, de que ele fosse o cicerone)*

Permito-me, antes de mais, explicar a Voce-lências que este excelente exemplar de architectura setecentista é obra do famoso italiano Bertoldo Bertoldini. Mandou-o construir Aurélio Dourado Preguiceiro, ao regressar do Brasil pela terceira e última vez, com um bom carregamento de ouro, prata e diamantes. Diz-se num velho livro de linhagens que já aos 40 anos ele havia renunciado a qualquer espécie de actividade. Com seus muitos criados (e especialmente criadas), fechara-se neste palacete, que entregou à protecção de Nossa Senhora da Boa Vida. A data do seu falecimento, ocorrido em 1737, tendo ele apenas 45 anos de idade, pesava já 11 arrobas e meia.

Por aqui. Tenham a bondade.

(Desloca-se de um lado ao outro, consoante as etapas da visita imaginária)

Temos, para começar, o vestíbulo, com sua nobre escadaria de mármore branco, conducente ao andar superior. — Colunas de fustes canelados, habilmente pintadas, imitando lápis-lazúli. — As grades de ferro são um primoroso trabalho do serralheiro francês Charpentier.

Cuidado com o degrauzinho. — Esta é a sala de espera, também chamada Sala de Penélope. Ali a vemos, naquela tapeçaria da Renascença, sentada ao tear, à espera do regresso de Ulisses. Atrás, os pretendentes desesperam. — Os móveis são todos Luís XV.

E entramos na sala de estar, decorada com motivos ornamentais de anjos e festões de flores, numa perfeita combinação de elementos clássicos e *rocaille*. Os tapetes persas valem uma fortuna. Na tela do fundo, obra conventual do século XVII, uma comevedora cena doméstica: Marco António reclinando a cabeça no regaço de Cleópatra. — Tocheiros de bronze, provenientes da Flandres, e lampadários de cristal de Veneza.

Atenção ao degrauzinho. — E entramos agora numa das principais dependências do solar: a sala dos banquetes. A esta mesa monumental, toda de ébano e marfim, (*suspirando*) sentaram-se muitas vezes altas figuras do antigo regime. Muitos Ministros. E até o Senhor Presidente da República. — A tapeçaria central representa o episódio das sete vacas gordas e das sete vacas magras do Antigo Testamento.

Um degrauzinho. — Aqui temos o sumptuoso quarto de dormir que foi do Senhor Aurélio Dourado Preguiceiro e, ultimamente, do Senhor Monopólio Capitalino da Silva e de sua extremosa esposa, D. Latifúndia Preciosa dos Pecados Veniais. Este leito, todo em jacarandá com embutidos de madrepérola, foi muitas vezes cedido a Sua Excelência o Senhor Presidente da República do antigo regime, (*suspirando*) quando vinha caçar nas coutadas do Senhor Comendador. (*Designando a grande cabeça de Salazar*) Este jarrao, obra rara dos fins do século XIX, representa um famoso mandarim do Ocidente.

(*Entreabrindo a cortina, aparece a cabeça de outro jovem, Vladimiro*)

VLADIMIRO — Olha lá, Jorge: tencionas «mostrar» aos nossos espectadores todas as dependências do solar?

JORGE (*retirando o bigode*) — Não. De modo nenhum. Nem a décima parte. Ia só mostrar-lhes a capela de Nossa Senhora da Boa Vida, obra exótico-anacrónica que não pode deixar de ser visitada.

VLADIMIRO — Nada disso estava previsto. Se te metes a improvisar nunca mais saímos daqui.

JORGE — Pareceu-me interessante dar a conhecer aos nossos espectadores, e desde já, o requintado ambiente em que viveu, durante alguns anos, o Senhor Comendador Monopólio Capitalino da

Silva. — Vamos para a capela. Vladimiro, manda tocar o órgão. Quer dizer: a gaita de foles.

VLADIMIRO — Amen. (*Retira a cabeça da cortina*)

(*Jorge volta a pôr o bigode. Dentro, na gaita de foles: uma melodia religiosa*)

JORGE — Aqui temos, portanto, a famosa capela. Como vêem, toda a decoração, todo o recheio é rigorosamente setecentista, excepto as arcas tumulares, rigorosas cópias de exemplares românicos, mandadas executar pelo Senhor Comendador, em Guimarães, para descanso eterno de seus preciosos restos mortais, na companhia de sua extremosa Família. — Um degrauzinho. — Chamo a atenção de Vocelências para a curiosíssima imagem da padroeira deste Solar. Reclinada e adormecida na sua rede, que assenta nos ombros de quatro anjos de raças diferentes, a Virgem Nossa Senhora da Boa Vida.

(*A gaita de foles suspende a melodia. Jorge retira o bigode*)

Creio que lhes dei uma ideia do que poderia ser, segundo a minha imaginação, este magnífico edifício, ao tempo em que nele habitava, umas escassas semanas por ano, o Senhor Comendador Monopólio Capitalino da Silva. Mas devo dizer que desde há poucos meses só existia aqui o edifício propriamente, sem quaisquer móveis ou obras de arte. Foi o que eu próprio verifiquei, tal como os meus amigos: o Valentim, a Helena, o Vladimiro, e mais alguns.

(Entreabre-se a cortina e aparece a cabeça de outro jovem, Valentim.)

VALENTIM — Confirmo as palavras do meu amigo Jorge Grândola e peço-lhe que não se perca em pormenores.

HELENA E VLADIMIRO *(dentro)* — Apoiado.

(Valentim retira a cabeça da cortina)

JORGE *(aos espectadores)* — Estão ansiosos por entrar em cena. Compreende-se. Os senhores desculpem. Somos todos amadores. *(Pausa)* Estamos aqui esta noite para festejar um feliz acontecimento. O jornalzinho cá do sítio, se não fosse reaccionário, chamar-lhe-ia um «auspicioso» acontecimento. Mas não deve ter pensado em enviar um simples escriba.

(Levanta-se, na plateia, um homem de meia idade)

ELISEU — Veja lá como fala, senhor Jorge Grândola. Eu, Eliseu Maldonado, não lhe consinto essa linguagem altamente caluniosa e profundamente torpe, mais digna de um facínora da pior espécie, e não de um estudante universitário, como dizem que é. De Letras, ainda por cima.

A «Gazeta dos 4 Ventos», e eu próprio, seu legítimo director, editor e proprietário, não somos nem nunca fomos reaccionários, como o senhor tão vilmente insinua. Eu nasci no meio de uma

respeitável família de democratas, e nos são princípios da democracia me criei. Orgulhosamente o posso afirmar.

(Vaia e assobios)

Que gente mal educada! Ouçam, ao menos, o que eu tenho para dizer!

JORGE — Tem razão. *(Para a assistência)* Ouçam, ao menos, o que o senhor Eliseu Maldonado tem para dizer!

ELISEU — E também tive, como tanta e tão boa gente neste País, os meus dissabores com a polícia política, a famigerada PIDE. Um tio meu, por afinidade, esteve quase um mês na prisão, nas masmorras de Caxias.

JORGE — É pena que... também por afinidade, o senhor não lhe tenha sentido os efeitos. Pelo menos durante o mesmo tempo. Eu estive lá quase três anos, e teria lá estado mais de seis, até ao 25 de Abril, se não me tivesse seduzido o ar puro da liberdade, além das grades, e mais ainda: além das fronteiras.

ELISEU — Cada um sabe da sua vida. Das suas actividades políticas durante o regime deposto não me compete falar.

JORGE — E agora já nem vale a pena.

ELISEU — O que não lhe admito é que me venha dar lições. Eu e o meu jornal sempre defendemos acerrimamente as liberdades essenciais do Homem. Não serei exagerado se lhe afirmar que ao beber o leite de minha saudosa mãe bebi os nobres princípios democráticos. (*Senta-se*)

VLADIMIRO (*cuja cabeça reaparece na cortina entreaberta*) — Acredito plenamente. E direi até que, enquanto nós, engatinhando pela casa, começámos por dizer: mamã, papá... o miau, o bêu-bêu..., o senhor Eliseu Maldonado disse logo, mal pressentiu a luz deste mundo e saiu do ventre materno: Engels, Marx... a democracia, a liberdade. (*Retira a cabeça da cortina*)

ELISEU (*levantando-se novamente*) — Não vim aqui para ser alvo da vossa má-educação. O prospecto que recebi dizia claramente que se tratava de uma festa de confraternização popular, com base num espectáculo teatral.

JORGE — Foi o que pretendemos fazer, na verdade. E já começámos. Muito obrigado pela sua colaboração.

(*Pela abertura da cortina sai um braço com um jornal aberto. É um exemplar da «Gazeta dos 4 Ventos».*)

(*Eliseu, que parece um tanto embaraçado, volta a sentar-se*)

JORGE (*dando pelo jornal*) — A «Gazeta dos 4 Ventos»? Mas isto é uma agradável surpresa. (*Acei-*

ta-o) Ora vejamos. O último número, saído esta manhã, precisamente. Vejamos um pouco as notícias da Vila, do País e do Mundo. Civilizemo-nos.

(Vai passando os olhos pelo periódico)

«Terça-feira passada deu à luz uma robusta criança do sexo masculino a Senhora Dona Maria do Santo Sudário Magarefe, muito extremosa Esposa do Senhor Inocência Magarefe, conceituado comerciante da nossa praça. O feliz acontecimento verificou-se às 5 horas e 26 minutos da madrugada. A toda a ilustre família enviamos os nossos distinguidos cumprimentos de parabéns.»

O artigo de fundo deve ter muito interesse. Como sempre. Ora vejamos. Mais ou menos ao acaso:

«Nem todos podem ser ricos. Nem mesmo remediados. É a lei eterna e universal. Cada qual é para o que nasce, diz o provérbio. Os pobres terão de contentar-se com a sua sorte, a que Deus houve por bem conceder-lhes. Por que são as desmedidas ambições dos pobres que as mais das vezes, geram os grandes conflitos sociais e impõem a Guerra onde deveria governar a Paz.»

O nosso reverendíssimo Pároco, Senhor Padre Crisóstomo, ainda reinante (e não se sabe por quanto tempo), não faria melhor sermão.

Outra notícia, certamente muito importante: «Na Basílica de Nossa Senhora de Fátima realizou-se no domingo transacto o auspicioso enlace da Menina Cacilda de Tal e Tal, filha da Senhora Dona Qualquer-Coisa e do Senhor Etc. e Tal, com o Senhor Agripino Prezado, conceituado industrial do nosso Concelho e infatigável proprietário da fábrica de rolhas "Agrado", mundialmente famosa.» *(Dá uma gargalhada)* Taratátá — Taratátá, etc. «Foi celebrante o nosso querido Padre Crisóstomo, que expressamente se deslocou a Fátima e fez uma brilhante e comovente homília, contra o divórcio e defendendo a união da Igreja com o Estado. O elegante cortejo, constituído por 34 automóveis das melhores marcas, seguiu depois para Lisboa, onde, num dos mais luxuosos restaurantes, foi servido um precioso e lauto banquete.»

Esperemos que a digestão não tenha sido difícil.

Alto. Isto agora é connosco.

«Está anunciada para esta noite, nos jardins do Solar de Nossa Senhora da Boa Vida, uma festa de confraternização popular, promovida por um grupo de estudantes.»

(Interrompe a leitura) E por mais alguém, Sr. Eliseu. Muitas outras pessoas estão connosco nesta iniciativa.

(Continuando) «Num prospecto distribuído fala-se também de uma representação teatral. Oxalá se trate de espectáculo divertido (*aponta a legenda da cortina*), que não venha perturbar as consciências desta laboriosa gente. Entretanto não conseguimos apurar nada sobre a possível cedência deste local para o efeito, uma vez que o seu legítimo proprietário e nosso querido amigo, Senhor Comendador Monopólio Capitalino da Silva, se viu obrigado a procurar refúgio em lugar que todos nós esperamos seja da maior segurança.»

Nobres sentimentos, não há dúvida. Outra coisa não era de esperar, aliás, de um jornal que sempre defendeu (e de que maneira!) o sistema capitalista, de que o Senhor Comendador era um dos principais representantes neste País.

ELISEU — Que atrevimento! — Se era um comício político o que pretendiam fazer, então deviam ter avisado!

JORGE — Ninguém o obrigará a ficar, Senhor Eliseu Maldonado. No entanto, permito-me aconselhá-lo a permanecer no seu lugar, aconteça o que acontecer esta noite, para melhor poder informar os leitores da sua Gazeta.

Mas continuemos. E porque nesta assistência pode haver ainda alguém que, como o Senhor Eliseu Maldonado, ignore (ou finja ignorar) a razão principal deste encontro, diremos antes de mais que a nossa intenção é festejar a ocupação

deste Solar de Nossa Senhora da Boa Vida, para serviço do Povo.

CORO (*além da cortina*) — Apoiado! Apoiado!

JORGE — Como todos sabem, este palacete estava praticamente abandonado há meia dúzia de anos, pelo menos. E mais abandonado ficou depois do 25 de Abril, quando o Senhor Comendador mandou buscar a maior parte do recheio: mobílias, lustres, quadros, louças, cristais, etc. Do que resta fizemos inventário, logo que ocupámos o edifício, para que nada se perca. Entretanto, já pouco depois da Revolução havia conhecimento de que uma vasta colecção de manuscritos referentes a viagens e descobrimentos portugueses, nos séculos XV e XVI, que aqui estavam guardados, tinha sido vendida em Nova Iorque, por uma pequena fortuna.

Eu e os meus camaradas — alguns, estudantes, outros, funcionários, operários, camponeses — ocupámos este solar, em nome do Povo desta vila, para que esse mesmo Povo passe a ter ao seu serviço algumas coisas a que tem direito: um centro cultural, uma clínica, e talvez uma creche.

CORO — Muito bem! Muito bem!

JORGE — Isto poderá e deverá ser um empreendimento de todos nós. Se todos nós quisermos, esta obra será uma realidade. Vão ser criadas comissões de trabalho. Quanto ao dinheiro necessário,